





A ESCRITA JAPONESA

Tae Suzuki

Com exceção da transcrição em letras romanas, os japoneses dispõem de três espécies de grafia – uma ideográfica (*kanji*) e duas silábicas (*hiragana* e *katakana*) – para expressar sua língua, todas originárias da escrita ideográfica chinesa. O registro mais antigo da escrita chinesa remonta à época da dinastia Yin (por volta do século XIV A.C.), constituído de pictogramas gravados em cascos de tartaruga ou em ossos de animais, supondo-se que tenham sido utilizados para adivinhações e sortilégios.

Tendo surgido sob a forma de pictogramas, os símbolos gráficos foram usados também em metais e pedras até que por volta do século III A.C., começam a surgir as formas estilizadas, as formas gráficas propriamente ditas. Os ideogramas (*kanji*) podem ser classificados, segundo sua composição, em:

1. *shôkei*, literalmente “figura” – são os ideogramas que representam pictoricamente objetos, elementos da natureza. Ex.:  “rio” (川);  “montanha” (山);  “sol” (日). Apesar de constituírem a forma originária de criação de ideogramas, seu número é reduzido, correspondendo a cerca de 3% do total de ideogramas hoje existentes.
2. *shiji*, literalmente “indicação” – são os ideogramas que representam idéias abstratas por meio de figuras simbólicas ou por acréscimo de pontos ou traços a ideogramas *shôkei*. Ex.:  “em cima”

(上); 下 “em baixo” (下); 本 “base”, originário de 𣎵 “árvore” (木) cortado na base por um traço. Em número bastante reduzido, correspondem a cerca de 0,5% do total de ideogramas atualmente usados.

3. *kaii* – com cerca de 3% do total de ideogramas, são aqueles que surgiram da combinação de dois ou mais ideogramas. Ex.: 日月 formado de ☉ “sol” (日) e 月 “lua” (月) para significar “claridade”; 東 “leste”, formado de ☉ “sol” (日) que surge atrás da “árvore” 木 (木).
4. *keisei*, literalmente “conceito e som” – são os ideogramas que nasceram da combinação de um ideograma que lhe dá a leitura e de outro que lhe dá o conceito. Ex.: na seqüência dos ideogramas 梅 桃 e 枝 temos, respectivamente, “ameixa”, “pêssego” e “galho”; o ideograma 木 “árvore” à esquerda, indica que os ideogramas têm relação com árvore como têm a ameixa, o pêssego e o galho; os ideogramas 每 兆 e 支 (à direita), pronunciados *bai*, *tô* e *shi* dão a leitura a 梅 (*bai* “ameixa”), 桃 (*tô* “pêssego”) e 枝 (*shi* “galho”) A maioria dos ideogramas atuais são de formação *keisei* e correspondem a cerca de 90% do total.

Posteriormente, foram criados novos ideogramas por associação ou adaptação dos já existentes:

1. *tenchû* – são os ideogramas que sofreram uma modificação no seu conceito originário e foram adaptados a idéias aproximadas (cerca de 1,5%). Ex.: 樂, originariamente *gaku* “música”, passa a ser lido *raku* “agradável”, por implicar que *música é agradável* de ser ouvida.
2. *kasha(ku)*, literalmente “empréstimo” – são os ideogramas (2,4%) que surgiram da adaptação de símbolos ou letras a termos homófonos, sem nenhuma relação com conceitos ou idéias. Ex.: 而, originariamente *ji* “bigode”, usado para o conetivo *ji* “e”; 來, *rai* “trigo”, usado para o verbo *rai* “vir” Processo muito

utilizado para escrever nomes próprios estrangeiros, encontramos, por exemplo, em *Gishi* "História de Wei", no capítulo *Wajinden* "Sobre o povo de Wa" do volume *Sangokushi* "História de três povos" (século III, o nome de Himiko e o povo de Yamato, do qual era soberana, grafados 邪馬台 e 卑弥呼
hi mi ko ya ma to

É difícil precisar a época em que os japoneses tiveram o primeiro contato com a escrita chinesa, ou em que passaram a vê-la e compreendê-la como símbolos gráficos até poderem utilizá-los para expressar seus próprios pensamentos, idéias ou sentimentos. Apenas algumas hipóteses podem ser levantadas a partir de dados arqueológicos ou referências em textos chineses.

A inscrição em uma moeda encontrada em escavações feitas em um túmulo da era Yayoi (séc. III A.C. – séc. III D.C.) constitui o registro mais antigo da escrita ideográfica no Japão. Embora não se possa determinar a época de sua entrada no Japão, a moeda foi cunhada durante o império Wan Mao (do ano 8 a 23 de nossa era).

Livros históricos chineses trazem referências ao Japão do século I D.C.. *Kanjo* "História de Han", escrito no século I, descreve o país de Wa, nome por que era conhecido, como um país constituído por mais de uma centena de pequenos povos. O Japão ainda não atingira o estágio de estado unificado, de modo que os contatos eram estabelecidos com nações tribais que mantinham relações regulares com a China através de sua colônia fundada na Coréia. Os representantes dessas nações recebiam sinetes oficiais do império chinês em sinal de vassalagem, onde se viam gravados ideogramas. O mais antigo de que se tem notícia data do ano 57, conforme citação em *Gokanjo* "História de Han posterior" (séc. V), descoberto por acaso em 1784 na Ilha Shika, ao norte de Kyûshû.

Em vista desses fatos, presume-se que foi durante o império Han que os japoneses tomaram contato com a escrita ideográfica chinesa, embora nem sempre tenham discernido, no princípio, que se tratavam de sinais gráficos. Reproduções posteriores em espelhos de bronze apresentam as letras ao contrário ou com suas partes invertidas.

A partir dos séculos IV-V, assistimos à entrada em massa da cultura chinesa ao Japão, via Coréia, levada pelas mãos de emissários oficiais chineses, bem como pelas de artífices e letrados que atravessaram o Mar do Japão para se instalarem no arquipélago. Não menor foi o papel desempenhado por japoneses que, em sentido inverso, atravessaram o mar e trouxeram de volta a cultura chinesa para propagá-la em

suas terras. Embora restritas a determinados grupos de pessoas, as letras chinesas tomam corpo no Japão e começam as primeiras produções de textos pelos japoneses.

O caráter fonético e semântico dos ideogramas, em sua maioria, dificulta sua adaptação para línguas estrangeiras que, como a japonesa, apresentam uma estrutura sintática diversa daquela da língua chinesa. A necessidade de apreensão da leitura e do significado dos *kanji* fez com que os primeiros textos produzidos no Japão não passassem de textos chineses (*kanbun*) elaborados por japoneses que aprenderam e assimilaram a nova língua.

Os registros mais antigos de *kanbun* datam de meados do século V, quando o Japão já se constituía um estado unificado em torno da corte de Yamato. São as inscrições em uma espada e em um espelho de bronze, ambos com antropônimos gravados em ideogramas adaptados foneticamente (*kasha*). Por essa época, foi grande a contribuição de chineses e coreanos radicados no Japão para a propagação da escrita ideográfica, muitos dos quais eram requisitados pela corte para a elaboração de textos oficiais. Por outro lado, aumenta consideravelmente o número de japoneses que assimilaram e usavam a escrita chinesa.

Com o tempo, os textos em chinês (*kanbun*) produzidos dentro e fora do Japão passam a ser traduzidos pelos letrados da época, em um estilo próprio denominado *kanbunkundoku*, literalmente “leitura de textos chineses em japonês”. Os ideogramas anteriormente usados apenas em *kanbun* passam a ser empregados em textos sintaticamente japoneses. Essa passagem, porém, não é uniforme. Além da adaptação fonética de ideogramas a nomes próprios, os ideogramas são adaptados a vocábulos japoneses aproveitando-se apenas sua leitura e ignorando seu componente semântico. Assim, por exemplo, para expressar *yama* “montanha”, são empregados os ideogramas 夜 (*ya* “noite”) e 麻 (*ma* “linho”), ambos sem nenhuma relação, aproximada sequer, com “montanha”. Surgem, assim, os *mangana*, símbolos gráficos que são ideogramas na forma, mas usados apenas foneticamente para expressar termos japoneses ou elementos gramaticais inexistentes na língua chinesa.

Se os *mangana* fixaram apenas o lado fonético dos ideogramas originais, por outro lado, os mesmos sofrem uma adaptação semântica a termos japoneses de mesmo significado e passam a ser lidos em japonês. O kanji 男 “homem”, por exemplo, além das leituras *dan* e *nan* (leitura *kan* e leitura *go*, respectivamente, e que veremos mais adiante) é lido *otoko* que significa “homem” em japonês.

Os ideogramas eram empregados ora foneticamente, ora semanticamente, e, mesmo os foneticamente utilizados, não se limitavam a uma determinada letra para expressar um mesmo som; os mais variados ideogramas homófonos serviam para grafar um mesmo som. Mas a partir do século VII, a escrita ideográfica se afasta de suas características chinesas para se tornar cada vez mais japonesa. Os primeiros livros de história (*Kojiki*, 712 e *Nihonshoki*, 720) são ainda escritos em *kanbun* "texto chinês" com exceção de canções populares e algumas expressões que os compiladores encontravam dificuldade em traduzir, mas, a primeira coletânea de poemas *Man'yôshû* (tida como compilada por volta de 760) já é escrita em *wabun* "texto japonês".

Por essa época, limita-se o número de *magana* para grafar os sons da língua japonesa que são silábicos. Embora ainda não se tenha restringido a um único ideograma, cada sílaba passa a ter determinados ideogramas para ser expressa, dando origem ao que posteriormente foi denominado *man'yôgana* em razão do seu uso em larga escala na obra citada. Por exemplo: para o som *a* havia os ideogramas 阿 安 足 婀 鞅; para *sa*, 左 佐 作 酢 沙 紗 草 散 者 柴 積 狹 娑 舍 差 璫 磋; para *ki*, 支 岐 伎 妓 吉 枳 企 棄 寸 來 杵 耆 祇 祁

A título de exemplo, transcrevemos o poema n.º 15, vol. I de *Man'yôshû*, citado por Komatsu (p. 36), onde determinados ideogramas são utilizados foneticamente e outros, semanticamente.:

渡	津	海	乃	豊	旗	雲	余	伊	理	比	紗	之
wata	tsu	mi	no	toyo	hata	kumo	ni	i	ri	hi	sa	shi
今	夜	乃	月	夜	清明 ⁽¹⁾	己	曾					
ko	yoi	no	tsuku	yo	akirakeku	ko	so					

(1) Há outras interpretações para a leitura de 清明, onde,

1. as formas grifadas constituem a leitura chinesa (*on*) de ideogramas adaptados às partículas *no*, *ni* e *koso* e ao verbo *irihisashi* do japonês;
2. as formas sem grifo correspondem à leitura *kun*, isto é, à adaptação de ideogramas a termos japoneses com mesmo significado contido nos ideogramas originais.

Foram necessários vários séculos até a escrita ideográfica se prestar a expressar a língua japonesa desde que entrou no Japão sob a forma de inscrições em objetos de metal, inicialmente, e depois, sob a forma de cânones do budismo, de textos de filosofia, direito, astronomia e demais ciências. Tendo sido assimilada por homens da nobreza, foi por suas mãos reproduzida em preceitos legais, ordens imperiais, comunicados oficiais, escritos em estilo chinês. Com o tempo, os ideogramas vão sendo adaptados à língua japonesa até poderem expressar o espírito japonês, como ocorreu com os poemas do séc. VIII.

Duas outras formas de grafia se desenvolveram a partir da escrita ideográfica que se consagrara como escrita japonesa. A primeira delas surgiu de abreviações de ideogramas, processo este que já existia na China e na Coréia, utilizando partes de ideogramas.

No Japão, entretanto, os bonzos desenvolveram dois métodos diferentes de abreviar ou de simplificar ideogramas. Um elemento de capital importância na difusão da escrita ideográfica foram as sutras do budismo que eram ensinadas nas escolas instaladas nos templos erguidos em grande número a partir do século V. Para auxiliar na leitura das sutras escritas em *kanbun*, os bonzos aprendizes se serviam de duas formas de notação.

A primeira consistia de pontos colocados nos ideogramas, denominados *kunten* que, conforme a posição, representavam as partículas e flexões verbais do japonês inexistentes na língua chinesa e, posteriormente, foram usados para simbolizar determinados substantivos, predicativos² e expressões de tratamento. Esse processo é muito utilizado nos textos do séc. VIII-IX, época de florescimento das letras chinesas, variando de indivíduo a indivíduo e depois, de escola a escola. As diferenças de notação entre bonzos de uma mesma escola fazem supor que códigos individuais foram sendo propagados e unificados por escola.

² "Predicativos" é o nome que demos a *yōgen* que compreende *dōshi* "verbos" e *keiyōshi*, comumente traduzidos por "adjetivos"; estes, porém, não são adjetivos no sentido exato do termo porque, conquanto signifiquem qualidade ou estado, têm uma força predicativa como em *hana wa AKAI* "a flor É VERMELHA" Só temos a função adjetiva de *keiyōshi* quando ele precede o substantivo: *akai hana* "flor vermelha"

Paralelamente, desenvolveu-se o processo de abreviar ideogramas utilizando partes do ideograma originário (比巴 de 琵琶, *biwa* "cítara") ou partes de ideogramas diferentes conjugadas em uma única forma (芥 de 菩薩, *bosatu* "bodhisatva"; 釧 de 金剛, *kongô* "diamante") Concomitantemente empregadas com os *kunten*, suas formas que também variavam de indivíduo a indivíduo, são unificadas por escolas e acabam tomando o lugar dos *kunten*. As formas muito variadas e numerosas no início vão se restringindo até dar origem aos *katakana* por volta do século XI, época em que o uso de *katakana* foi bastante difundido entre estudiosos, principalmente da poética, que utilizavam em notas de poemas, e entre literatos, cujas obras eram escritas em estilo misto de ideogramas e *katakana* ou somente em *katakana*. Apresentamos, a seguir, alguns *katakana* atualmente usados e os ideogramas de que originaram: 一 (伊 - *i*), 口 (呂 *ro*), (加 *ka*), 卜 (止 - *to*).

A outra forma de grafia originou-se do estilo de caligrafia denominado *sôshotai*, a forma cursiva ou corrida de *man'yôgana*. *Sôshotai* é largamente difundido no início da era *Hei'an*, época em que as mulheres têm acesso às letras. E é pelas mãos das damas da corte que as formas já cursivas de ideogramas se tornam cada vez mais estilizadas, dando origem no século XI, ao que posteriormente foi denominado *hiragana*. Ex.: 以 - い - い (*i*); 呂 - 呂 - 呂 - ろ (*ro*); 波 - 波 - 波 - は (*ha*); 仁 - 仁 - 仁 (*ni*).

E assim, as duas formas de grafia propriamente japonesa, criadas a partir de ideogramas, se consolidam quase à mesma época, constituindo com *kanji*, as formas de grafia atualmente utilizadas na língua japonesa. *Hiragana* e *katakana* são grafias silábicas, acompanhando os sons da língua japonesa que são abertos. Em princípio, *kanji* é usado para grafar termos conceituais, *katakana* para nomes estrangeiros e *hiragana*, para os componentes gramaticais próprios da língua japonesa.

Cumprе notar que os ideogramas passaram por várias transformações no correr dos séculos e, não só sofreram as modificações que, como vimos, originaram os *hiragana* e *katakana*, como também, enquanto ideogramas, tomaram formas diferentes dos que são atualmente empregados na China, além de terem sido criados novos símbolos no Japão (*kokuji*, literalmente "letras nacionais"), principalmente pelo processo *kaii*.

Pelas adaptações por que passou o *kanji*, ele possui dois tipos de leitura: a leitura *on* que representa o som adaptado à fonética japonesa

do ideograma originário na China, e a leitura *kun* que representa o som do termo japonês correspondente ao conceito contido no ideograma chinês e ao qual foi adaptado. São as duas leituras que fixaram, uma, o aspecto fonético do ideograma e outra, o seu aspecto semântico. Há, no entanto, várias leituras *on* "leitura chinesa" ou "leitura fonética", conforme a época de entrada da cultura chinesa ao Japão, procedente de diferentes regiões onde se localizavam os impérios então dominantes. As mais comuns são a leitura *goon* e *kan'on*, correspondendo respectivamente, à pronúncia sulina e à nortista. *Go* é o nome por que os japoneses denominam a cultura que dominava ao sul da China à época da primeira leva de entrada da cultura chinesa ao Japão (séc. I a séc. VI), embora *Go* (*Wu*, em chinês) não tenha sido o único império dessa fase. A leitura *kan'on* corresponde, grosso modo, à pronúncia do chinês que entrou no Japão depois do século VII, nome tomado do império *Kan* (*Han*, em chinês) que dominou a China do século III A.C. ao século III D.C. e pelo qual os japoneses denominam a China em geral. Assim, por exemplo, 色 lê-se *iro* (*kun*), *shiki* (*goon*), *shoku* (*kan'on*); 正 lê-se *tadashii* (*kun*), *shô* (*goon*), *sei* (*kan'on*).

Cabe citar ainda, a transliteração românica da língua japonesa, cujo documento mais antigo é a tradução do Novo Testamento (Atos dos Apóstolos) de 1591, feita por jesuítas portugueses que chegaram ao Japão no século XVI para propagar a religião cristã. Dentre as várias formas de transliteração que surgiram depois que o Japão abandonou sua política de isolacionismo (séc. XVII-XIX), a mais utilizada é o sistema Hepburn, criado pelo médico e padre americano James Curtis Hepburn nos meados do século passado e re-elaborado pela Associação de Transliteração (Rômajikai) em 1885. Esse sistema segue em linhas gerais a fonética inglesa com *h* aspirado, *ch* (tʃ), *j* (dʒ), *sh* (ʃ), *ge*, *gi* (ge, gi); *w* (w).

Não foram poucas as discussões sobre a conveniência ou não de romanizar a língua japonesa e extinguir as demais formas de escrita, mas a existência de muitos termos homófonos cujos significados são apreensíveis pelos ideogramas com que são grafados, é o argumento pelo qual a língua japonesa continua sendo escrita em *kanji*, *katakana* e *kiragana*, e em *rômaji* "letras romanas", quando necessário.

BIBLIOGRAFIA

HAYASHI, C.

(1977) *Nihon-niokeru Kanji* "O Ideograma no Japão" In *Iwanami Kôza Nihongo v.8 – Moji* (Tóquio, Iwanami) – pp. 159 – 248.

KOMATSU, S.

(1972) *Kana – sono Seiritsu-to Hensen* "Kana – sua formação e sua evolução" (Tóquio, Iwanami)

KUSAKABE, F

(1977) *Nihon-no Rômaji* "A escrita romana do japonês" In *Iwanami Kôza* citado, pp. 341 – 383.

OTSUBO, H.

(1977) *Katakana – Hiragana* (mesmo título em português). In *Iwanami Kôza* citado, pp. 249 – 299.

TSURU, H.

(1977) *Man'yôgana* (mesmo título em português). In *Iwanami Kôza* citado pp. 209 – 247.